

## A representação humorística do Presidente Café Filho nas capas da Revista *Careta* (1955-1956).

The humoristic representation of the President Café Filho on the covers of *Careta Magazine* (1955-1956).

Leonardo Dallacqua de Carvalho\*

Breno Sabino Leite de Souza\*\*

**Resumo:** Este trabalho pretende traçar momentos do governo do presidente Café Filho por meio da sua presença nas capas da Revista Ilustrada *Careta* durante o período em que governou. Entremearmos a discussão entre as capas do semanário e alguns momentos do seu governo que nelas foram representadas como o início e final da sua gestão, a crise econômica e algumas questões sobre a participação de Café Filho nas eleições de 1955.

**Palavras-Chave:** Café Filho. *Careta*. Caricaturas.

**Abstract:** This work aims at producing moments of the president João Fernandes Campos Café Filho government through its presence on the covers of the Illustrated *Careta* in years in the government. We base discussion between the covers of the weekly and some moments of his government were represented to them as the beginning and end of his tenure, the economic crisis and some questions regarding the participation of Café in the 1955 elections.

**Keywords:** Café Filho. *Careta*. Caricatures.

### Em busca da presidência de João Fernandes Campos Café Filho.

“Verdade é que não posso desinteressar-me de nenhum dos múltiplos e complexos problemas nacionais. Mas também é evidente que não devo ter a ilusão de poder transformar, da noite para o dia, o rumo e a mentalidade do país, como se isto dependesse exclusivamente de minha vontade. Seria pretensioso de minha parte querer desencadear

---

\* Doutorando em História das Ciências e da Saúde na Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz – Rio de Janeiro. Bolsista Fiocruz.

\*\* Mestre em História pela UNESP/Assis com auxílio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

em alguns meses reformas que demandam anos, requerem um longo trabalho de educação e esclarecimento e não podem prescindir da participação de todas as forças responsáveis, especialmente dos legisladores e outros setores de representação da opinião pública”.(CAFÉ FILHO, 1954, p. 6-7)

A partir da figura de Café Filho, nossa investigação suscita a reflexão do seu papel dentro da historiografia à luz dos novos métodos e possibilidades de enveredar para atores que, talvez, não agucem a curiosidade como outros personagens que compõem o quadro da presidência no país. É nesta linha que percebemos que poucos trabalhos procuraram problematizar Café Filho como tema central de suas pesquisas e sua figura aparece mais como um ponto transitório da passagem de Getúlio Vargas para Juscelino Kubitschek. Por pertencer no espaço entre esses dois políticos acreditamos seja válida uma maior atenção sobre seu governo.

Contudo, ao debruçamos sobre as fontes do periódico *Careta* um governo onde a travessia percorreu um oceano calmo, pelo contrário, justamente por estar entre duas figuras políticas bastante elencadas pelos historiadores, Café Filho tornou-se um coadjuvante à sombra da década de 1950. Com exceção de alguns trabalhos do historiador Hélio Silva nas décadas iniciais da segunda metade do século XX, encontramos hoje escassas publicações que enfoquem Café Filho. Elegemos estudos de Thomas Skidmore e Ângela de Castro Gomes – este uma organização – como pesquisas que trazem uma proposta de debater, ao menos em parte, alguns momentos da gestão de Café e que nos permitiram balizar a nossa perspectiva.

Antoine Prost dirá que “O historiador nunca consegue exaurir completamente seus documento; pode sempre questioná-los, de novo, com outras questões ou levá-los a se exprimir com outros métodos”.(PROST, 2008, p.77) Portanto, acreditamos que este texto ofereça a partir das abordagens de periódicos e caricaturas como fonte uma possibilidade de perceber parte do governo de Café Filho e sob a lente da *Careta* e sua representação humorística na tentativa de investigar o período que está situado.

### **Café Filho nas capas da *Careta*: o homem que deveria “descascar o abacaxi”!**

A Revista Ilustrada *Careta* circulou Brasil a fora por quase cinquenta anos. Fundada em 1908 por Jorge Schmidt, a revista congregava em suas páginas uma

mistura de variedades, humor, crônica social e política e uma gama de ilustrações. Localizada na Rua Frei Caneca, número 383, no Rio de Janeiro, o semanário encerrou suas atividades somente em outubro de 1960. De todas as revistas ilustradas que surgiram nas primeiras décadas do século XX, a *Careta* e a *Fon-fon!*<sup>1</sup>, por exemplo, se apresentam com a maior sobrevida no país.

Uma das suas mais notórias características foi a inserção de ilustrações sob os traços dos mais conhecidos caricaturistas da época. Como nos mostra Maria de Lourdes Eleutério, a *Careta* fez parte das revistas com plano gráfico inovador, possuía uma notória popularidade e trazia as ilustrações dos mais competentes caricaturistas, como por exemplo, J. Carlos.(ELEUTERIO, 2013, p.90)

Ao elegermos o termo caricatura no exame das nossas fontes é indispensável fazer uma ressalva importante sobre a opção conceitual. Muitos debates têm surgido sobre as variantes entre caricaturas e charges e suas apropriações dentro dos trabalhos imagéticos. Utilizaremos aqui o termo caricatura em vista das pesquisas de Elias Thomé Saliba e Rodrigo Patto Sá Motta.<sup>2</sup> Ambos trabalharam com o conceito de caricatura em suas obras. Saliba ao analisar as revistas ilustradas da Belle Époque, em *Raízes do Riso*, mostra seus principais ilustrados com a denominação de caricaturistas (SALIBA, 2002, p. 88-89). Por sua vez, Motta, no livro *Jango e o golpe militar de 1964 na caricatura*, estabelece logo na introdução sua justificativa – da qual nos apropriaremos -,

A escolha – consciente de que está sujeita a divergências – decorreu de duas razões: caricatura permanece a designação genérica para as diversas formas de humor gráfico; além disso, a maioria dos desenhos reproduzidos e analisados aqui, efetivamente, consiste em caricaturas de personagens retirados da “grande” política, mesmo que, em sua maioria, ultrapassem o formato de retrato pessoal.(MOTTA, 2006, p. 15-16).

“Arte autêntica”, como denominou Heman Lima, a caricatura traz elementos subsidiários para o historiador (LIMA, 1963a, p. 15). O caricaturista não é o criador de ridículos, na verdade são os artistas que por meio dos traços pintam o quadro da sociedade usufruindo da distorção dos seus traços para minimizar ou maximizar o riso. Nessa junção entre a análise do historiador, as caricaturas e o riso constitui-se nossa proposta.

---

<sup>1</sup> A *Fon-fon!* foi criada em 1907 e encerrou suas atividades em agosto de 1958.

<sup>2</sup> Outro trabalho referencial justifica a pertinência do uso do termo caricatura encontra-se em CUNHA, 2008.

Na *Careta*, diferentes caricaturistas deixaram seus traços em suas páginas. Citamos anteriormente J. Carlos e, este, talvez, tenha sido um dos principais contribuidores de ilustrações. José Carlos de Brito e Cunha colaborou para múltiplos periódicos como *O Malho*, *A Avenida*, *Fon-Fon!* e tantos outros. Para Lima pode-se dizer que ele foi “com justiça o nosso maior caricaturista de todos os tempo” (LIMA, 1963b, P.1074). J. Carlos é um exemplo de dezenas de ilustradores ao longo dos quase cinquenta anos de circulação do semanário. Por nossa vez, nos debruçamos nas edições do sábado de 28 de agosto de 1954 até 12 de novembro de 1955, que corresponde ao recorte da presidência de Café Filho.

Nesse espaço temporal, procuramos enfocar as capas que aparecem a figura do até então presidente da república. Ao todo, nossa análise pôde observar 64 capas durante este período e, em primeiro lugar, pode-se constatar que a figura de Café Filho não é presente em sua grande maioria. Isso se deve, possivelmente, pela gama de atores políticos que faziam parte do complexo momento político transitório que se encontrava a nação. Portanto, nas que aparecem Café Filho, selecionamos as que possuíam melhor visualização<sup>3</sup> e oferecessem elementos palpáveis para uma análise política do momento.

Em nossas ilustrações é a assinatura do caricaturista Théo que se faz presente. Theo é o pseudônimo de Djalma Pires Ferreira, que desde a segunda metade do século XX contribuía com trabalhos em periódicos como *A Tarde* e *Diário de Notícias*. Porém, é na *Careta* que possuirá seu maior destaque. Com a morte de J. Carlos em 1950, “seu traço ganhou maior destaque e, até a extinção do semanário, os desenhos de humor publicados nas capas continham sua assinatura” (GARCIA, 2008, p. 58), salienta Sheila do Nascimento Garcia. Portanto, Théo será assinatura recorrente em nossos traços daqui em diante. Segundo Patto Sá Motta,

Nos desenhos de Theo, os políticos aparecem trajados de modo sóbrio, às vezes ao estilo clássico, quase sempre usando ternos ou fraques, e o cenário e a composição lembram a piada de salão, inclusive pela linguagem comedida e o humor sutil e moderado. (MOTTA, 2006, 35)

A escolha do presente subtítulo deu-se pela seleção de duas caricaturas que enfocam precisamente o contexto que Café Filho vivenciava após o suicídio de

---

<sup>3</sup> Nossa pesquisa teve como suporte a Hemeroteca da Biblioteca Nacional digitalizada. Foi possível ter acesso a todos os números que utilizamos em nosso trabalho. Para consulta: [http://objdigital.bn.br/acervo\\_digital/div\\_periodicos/careta/careta\\_anos.htm](http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_periodicos/careta/careta_anos.htm).

Vargas. Ele recebera um abacaxi. Popularmente, diz-se que “descascar o abacaxi” seria resolver um problema de difícil resolução. As capas da *Careta* procuraram retratar qual seria esse “abacaxi” que Café Filho deveria solucionar. Helio Silva resume apropriadamente esta analogia,

Pode-se destacar o período Café Filho – desde o suicídio de Vargas até o término constitucional de seu Governo – escrevendo, simplesmente, sobre as condições dramáticas em que foi chamado a assumir a Presidência da República; crise político militar; sua doença e os dois impedimentos que constituíram os arranhões na Constituição, como se tornou famoso dizer.(SILVA,;CARNEIRO, 2004, p. 15)

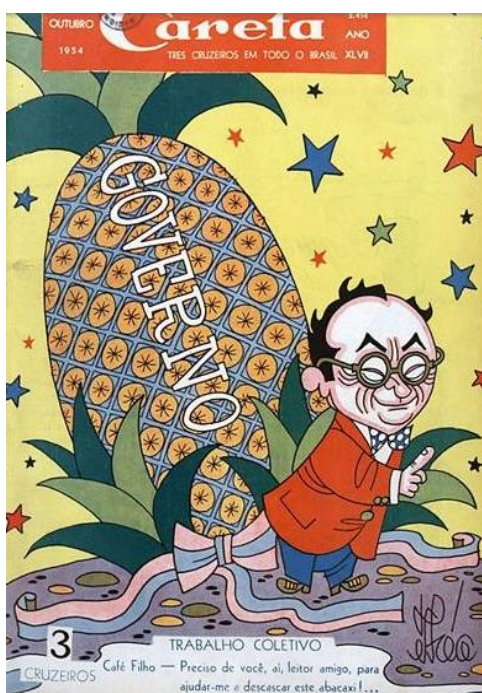


Figura 1: Trabalho Coletivo  
(CARETA, 2 out./1954, p.1)

Café Filho: Preciso de você, aí, leitor amigo, para ajudar-me a descascar este abacaxi!...

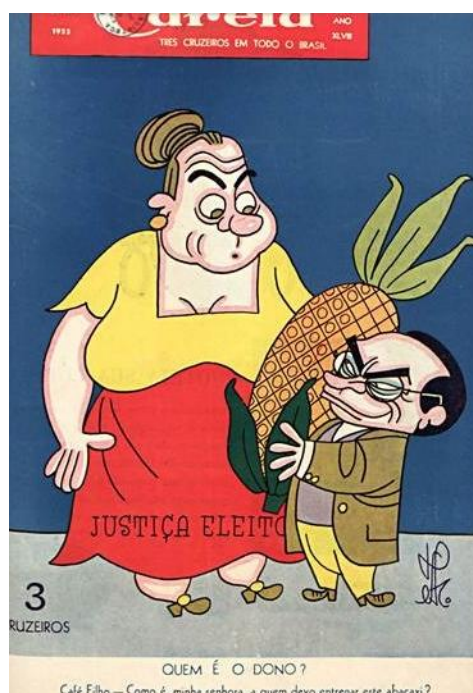


Figura 2: QUEM É O DONO?  
(CARETA, 22 out./1955, p.1)

Café Filho – Como é minha senhora a quem devo entregar este abacaxi?

Nas figuras acima temos dois tempos e contextos distintos. Enquanto a primeira figura encontra-se no começo do governo de Café Filho em 1954, a segunda está localizada no término. De outro modo, podemos perceber que ele recebe o “abacaxi” na Figura 1 e, entrega-o na Figura 2.

Na primeira caricatura o enorme “abacaxi” a ser descascado vem com um laço e sob o nome de “Governo”, pois é aí que encontramos a tônica da construção humorística de Théó. Café Filho, até então, era Vice-Presidente do seu antecessor, Getúlio Vargas. Com o suicídio de Vargas, ele tornou-se o novo presidente, e como nos mostra Thomas Skidmore, procurou assegurar para a nação que “daria aos humildes a proteção que Vargas sempre lhes deu”(SKIDMORE, 1982, p. 181). Entretanto, a atmosfera em volta de Vargas era um forte espectro naqueles tempos. Apesar de usar referenciar Vargas, o novo presidente havia rompido com este desde a crise de agosto. Na condução do seu novo governo, adotou princípios que Skidmore considera como conservador e “desde a posse, ele fez ver que considerava seu governo como um regime interino, que tinha a responsabilidade primordial de continuar a estabilização econômica e presidir à eleição de seu sucessor constitucional”(SKIDMORE, 1982, p. 182), . Pelos episódios que o antecederam com Carlos Lacerda e o suicídio de Vargas, talvez fosse seu pensamento paliativo para conter as diversas crises que se apresentavam.

Diante do suicídio de Vargas e toda atmosfera representada por sua figura de estadista, havia a preocupação de como o próximo presidente direcionaria a nação. Não à toa, Alzira Alves Abreu e Fernando Lattman-Weltman salientam como uma parte da imprensa – a saber, o *Diário de Notícias* e o *Diário Carioca* - deu destaque a posse de Café como se este representasse um “alívio” e uma solução para o fim da crise que “polarizava na figura de Vargas”.(ABREU, 1994, p. 39) Mais adiante, os autores ao estudarem alguns editoriais posteriores a morte de Vargas lembraram que Café havia renunciado após o suicídio e, por isso, era um homem que saberia “por o Brasil acima dos seus interesses individuais”.(IDEM, p. 42) Curiosamente, podemos contrastar estas notícias em colisão ao discurso de 10 de outubro de 1954, onde em dois meses de presidência, Café Filho se coloca como este homem:

(...) Não desejo nem posso, entretanto, fazer prevalecer a minha orientação pessoal por imposição. O Governo não pode ser o resultado de impulsos ou tendências individuais. Precisamente porque não me considero preso aos meus sentimentos ou às minhas ideias é que não pretendo fazer um governo de colorido pessoal. Nada seria mais agradável e vantajoso para mim, individualmente, do que satisfazer com nomeações e favores a amigos e correligionários. Sei que a austeridade não conquista simpatias e é sempre incômodo dizer não.(CAFÉ FILHO, 1954, p. 7)

A esta altura, Café não poderia contar com PSP que o ajudou a colocá-lo no governo, afinal, o partido tinha pouca representatividade no Congresso. Para agravar, parecia haver uma polaridade entre getulistas e anti-getulistas. A forma como Vargas morreu, intensificou ainda mais o mito em volta da figura do finado presidente. Ainda assim, Café teria que manter os olhos abertos com o fervor do início de sua gestão, pois a formação de um novo ministério seria problemática. Além de tudo, caberia a ele a incumbência de apaziguar os partidos. Devemos anotar, por exemplo, que Osvaldo Aranha, figura de confiança máxima de Getúlio Vargas desde o Governo Provisório “exonerou sem lhe dar a menor satisfação, largando a Pasta da Fazenda de tanta responsabilidade”. (SILVA; CARNEIRO, 2004, p. 34)

No alvorecer do ano de 1955, Café Filho reafirmaria a vontade de seguir com a questão eleitoral para que, em outubro, houvesse a seleção de um novo presidente para a nação. A nossa 2º caricatura expressa exatamente esse ensejo. Café passaria o “abacaxi” para o próximo presidente. A simbologia da Justiça Eleitoral na imagem reflete o direcionamento da decisão das urnas de quem vda iria a ser a opção do eleitorado.

Café, parecia ter ouvido o Ministro Justiça, Seabra Fagundes, em como deveriam “descascar o abacaxi”. Em outras palavras, os dois concordavam que a vigência do novo governo deveria assegurar “a ordem, para que a campanha eleitoral se processasse normalmente, e presidir as eleições”. (SILVA, 1983-1984, p. 81)

Nesse sentido, parece que o termo “Governo Transitório” estabelece-se na própria visão de Café Filho acerca da sua presidência. Segundo ele, nesse tempo que ficou no poder, ele não havia realizado nenhum feito para tornar sua gestão popular pretendendo apenas levar as medidas que delimitou, como por exemplo, a estabilização econômica (SKIDMORE, 1982, p. 187). Talvez, isso se explique em partes, uma frase proferida por Café Filho, em agosto de 1954: “O meu coração não suportará o poder” (SILVA, 1983-1984, p. 58)<sup>4</sup>.

---

<sup>4</sup> Segundo consta Silva, a frase teria sido cunhada quando Café Filho se encontrou com Carlos Lacerda no Hotel Serrador. O fato em questão deve-se ao episódio “O crime da Rua Torneleros” onde houve uma tentativa de assassinato a Carlos Lacerda e a morte do Major Rubens Tolentino Vaz. Para nós, importa destacar que Lacerda reuniu-se com Café neste hotel para que o vice-presidente promettesse que assumisse a presidência caso Vargas renunciasse. Doravante o que aconteceu nos dias posteriores era uma mistura entre o futuro da presidência e por consequência de Café Filho. A posição de Café não foi conspirar contra Getúlio, mas como aponta Skidmore, “sugeriu a Getúlio que ambos resinassem, deixando que o Congresso elegeisse um sucessor interino para o restante do mandato presidencial”. SKIDMORE, 1982, p.178.

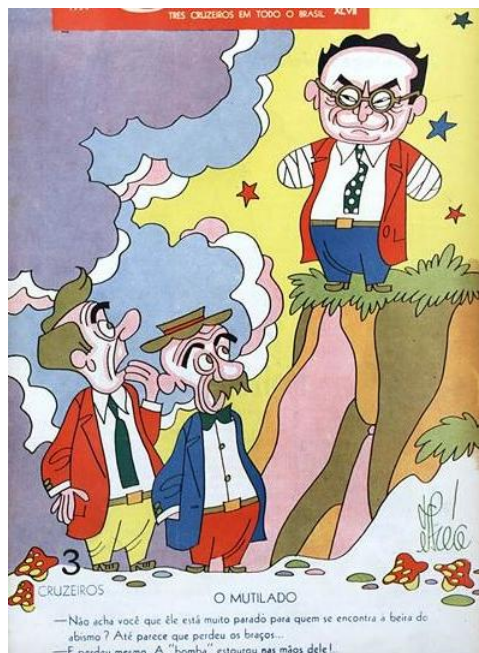


Figura 3: O MULTILADO

(CARETA, 25 dez./1954, p.1)

- Não acha que ele está muito parado para quem se encontra a beira do abismo? Até parece que perdeu os braços.

- E perdeu mesmo. A “bomba” estourou nas mãos dele!

A terceira caricatura atua como um complemento das anteriores, uma vez que possui um sentido parecido. Mas desta vez podemos colocá-la no meio do pavio que se ascendia rapidamente. Théo ilustra esta imagem no final de dezembro de 1954, pouco mais de 4 meses do suicídio de Getúlio Vargas, as vésperas das escolhas dos nomes que participariam das eleições do novo ano e, não menos importante, os imperativos que viriam a surgir posteriormente. Situando-o apenas no momento desta ilustração ou mesmo hoje, sabendo das situações que se sucede, Théo foi feliz na construção do diálogo: “A ‘bomba’ estourou nas mãos dele!”.

Pode-se observar ao longo da trajetória de Café no poder diversas “bombas” explodindo ao seu redor. A situação era drástica e qualquer medida ou nomeação tomaria um grau de preocupação de crise nacional. Um exemplo referencial é a nomeação de Alexandre Marcondes Filho para o Ministério da Justiça vindo a substituir Miguel Seabra. Marcondes Filho participou do quererismo e tinha ligação com Vargas, obviamente isto suscitou vistas grossas de sua indicação aos militares.

**A crise econômica e a crise do café mediada por Café.**



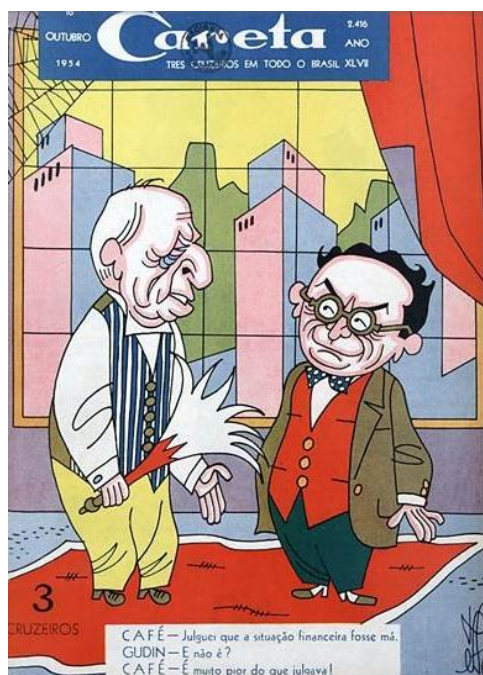


Figura 4: A DERRUBADA  
(CARETA, 16 out./1954, p. 1)

Café Filho – Julguei que a situação financeira fosse má.  
Gudin – E não é?  
Café – É muito pior do que julgava!  
um dia

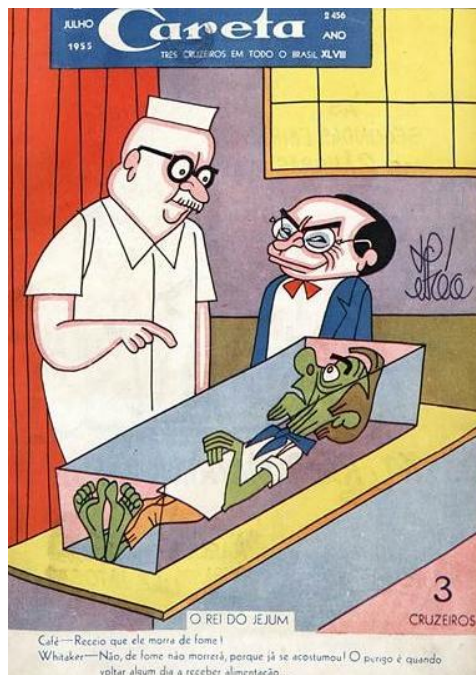


Figura 5: O REI DO JEJUM  
(CARETA, 23 jul./1955, p.1)

Café – Receio que ele morra de fome!  
Whitaker – Não, de fome não morrerá, porque já se acostumou!  
O perigo é quando voltar a receber alimentação...

Em nossa figura 4 visualizamos um diálogo entre Café Filho o ministro da Fazenda, o professor de Economia e Finanças, Eugênio Gudin. Gudin se apoiava em uma concepção de política econômica mais ortodoxa e entre as medidas que tomou para conter os problemas da inflação.

Café, na caricatura, diz para Gudin, “Julguei que a situação financeira fosse má”, dando a entender pelo humor, que talvez ela não fosse tão má assim. Caindo nesta armadilha retórica, Gudin indaga surpreso pela afirmação: “E não é?”. Daí entra o humor, e o presidente responde: “É muito pior do que julgava!”. Théo constrói a dinâmica do diálogo justamente na surpresa de Gudin ao ouvir que a crise não estivesse tão ruim, mas para Café, era pior do que se imaginava.

Nota-se que entre suas medidas, o até então ministro aplicou contenção do crédito e o corte de despesas públicas na tentativa de reduzir o processo inflacionário (ARQUIVO NACIONAL, 2012, p. 91-92). Assim como Gudin, Café Filho traçou como

um dos seus objetivos em sua curta jornada presidencial a estabilização econômica<sup>5</sup>. O presidente deu autonomia para Gudin atuar, prova disso é que ele foi o responsável pela escolha do presidente do Banco do Brasil, Clemente Mariani e seus diretores(SILVA; CARNEIRO, 2004, p. 49).

As dificuldades financeiras do Brasil eram preocupantes. O café, que trataremos mais adiante, estava entre os problemas. Somado a isso, como ressalta Silva e Carneiro “as oscilações da Bolsa, de natureza cambial, além da renovação dos empréstimos em bancos estrangeiros, contribuía, sobremaneira, para uma grave crise”. Aumentos foram inevitáveis, tanto nos ágios cambiais da gasolina quanto e outros produtos de petróleo. Evitava-se a todo o custo a emissão de papel moeda para deflagrar ainda mais a inflação que, a esta altura, agravava a própria permanência do governo de Café.(IDEM)

Gudin foi duramente criticado pela relação que manteve com os Estados Unidos durante o período de crise. Foi até Washington para o encontro anual com do Banco Mundial e o Fundo Monetário Internacional. Segundo Skidmore, Gudin era membro nato da junta dirigente do FMI e aproveitou esta relação para tentar impressionar seus colegas sobre o plano anti-inflacionário que pretendia por em prática(SKIDMORE, 1982, p. 199). Uma atitude arriscada, pois pairava no Brasil após o suicídio de Vargas um sentimento de repúdio aos Estados Unidos. Muitos acreditavam que o Tio Sam tinha alguma participação com a pressão no governo que culminou no fatídico dia de 24 de agosto.

As medidas adotadas por Gudin não surtiram efeitos esperados. Os cortes drásticos para os diversos ministérios somados com o grande esforço anti-inflacionário do ministro não gerou resultados que a crise necessitava. A consequência foi a própria demissão de Gudin, em abril de 1955, e a nomeação de um novo ministro, José Maria Whitaker. Este, um banqueiro paulista, já havia ocupado a pasta do Ministério da Fazenda após a Revolução de 1930, na instauração do Governo Provisório.

A mudança pode ser percebida na análise entre as caricaturas 4 e 5. Enquanto no mês de outubro de 1954, o caricaturista Théo ilustra Café Filho em diálogo com o até então ministro da pasta Gudin, em julho do ano seguinte, na capa da *Careta* aparece Whitaker na mesma função. O problema da crise econômica, como desenha

---

<sup>5</sup> Ao analisar o momento, Skidmore também percebe que “Indubitavelmente a estabilização econômica predominava nos seus planos”. SKIDMORE, 1982, p.187.

Théo, parecia o mesmo. Podemos conceber pela própria ilustração de Théo em nossa fonte *Careta* que a crise herdada do seu antecessor acompanhou todo o governo de João Café Filho.

A figura 5, por sua vez, apresenta alguns elementos que coadunam esse raciocínio. Nela, o diálogo se insere entre Café e Whitaker. Os dois estão em uma sala e sobre uma mesa há um “Jeca” – representando o povo - congelado. No humor, constitui-se que a solução encontrada para acabar com a crise econômica seria congelar os brasileiros e só revivê-los somente depois da reabilitação financeira. Café afirma a Whitaker que o “Jeca” poderia morrer de fome. Porém, o Ministro da Fazenda, afirma que isso não ocorreria por estar acostumado a passar fome, mas seria perigoso o dia em que ele voltasse a receber alimentação.

Uma das ações de Whitaker no início de sua gestão foi desfazer a obrigação dos bancos do depósito de “metade dos seus próprios depósitos na SUMOC<sup>6</sup>”(SKIDMORE, 1982, p.200) ação tomada por Gudin e que causou o fechamento de dois bancos de São Paulo e trouxe sério prejuízo ao Banco do Brasil. A crise parecia incontornável no ministério, no último trimestre de 1955, Whitaker se demitiria<sup>7</sup> por conta da reprovação de uma reforma do sistema cambial proposto pelo ministro. Pelo avançado do tempo, o governo achou melhor não implantar.

Mas, delimitemos o foco num dos maiores problemas de sua gestão: o controle da economia do café.

---

<sup>6</sup> Superintendência da Moeda e do Crédito (SUMOC). Tinha entre suas funções estabelecer o controle do mercado monetário no Brasil.

<sup>7</sup> No seu lugar entraria Mário Câmara. *idem.*, p.201.



Figura 6: Café Amargo.

(CARETA, 7 maio/1955, p. 1)

Jeca - Não! Não é desse café que precisamos exportar!

Nossa caricatura número 6 tem nos seus traços o brilhantismo que a ocasião trouxe a situação. O presidente era conhecido como Café Filho e levava o “Café” no seu nome. Naquele momento vivenciávamos a crise de outro café, a ilustríssima bebida que acompanhava o Brasil há séculos e entre crises e lucros ainda se fazia presente na economia nacional. Sem esquecer que o país já havia sofrido outros colapsos em momentos anteriores como a partir de 1890 e, posteriormente, com os sistemas de convênios e intervenções (MARTINS, 2008, p. 224-232). Ou mesmo a crise que Getúlio Vargas teve que enfrentar no seu primeiro governo com as consequências da queima de café ou seu despejo no mar. Dessa forma, é possível imaginar a quantidade de construções imagéticas ou textuais em que Café e café fossem relacionados. Um prato cheio para os humoristas.

Na presidência de Café, Whitaker suspendeu em abril de 1955 o programa de compra do café. Com essa medida esperava conter gastos. Mas o que não pôde contar foi a irritação dos cafeicultores pela medida. Skidmore narra o processo:

Porém, aquele ato, levado a efeito no seu primeiro mês como ministro, provocou violentos protestos dos plantadores de café. Whitaker planejou acalmá-los, instituindo uma política cambial radicalmente simplificada, que eliminaria o “confisco cambial” que

dava aos comissários de café (e, portanto aos plantadores) um retorno em cruzeiros mais baixo para o seu café do que a taxa em dólar livre equivalente. (SKIDMORE, 1982, p. 200)

O problema do café brasileiro alastrou-se por todo o governo de Café Filho. O presidente teve que trabalhar em um tempo curto, pois sabia que sua gestão se tratava de uma transição. O reflexo do problema do café pode ser visto na Figura 6. A cena desdobra-se à beira mar com o “Jeca” em terra firme e o presidente Café Filho em um navio se despedindo e acenando para ele. Triste, o “Jeca” afirma que o “café” que deveria ser exportado não era o Café Filho, mas o grão de café. Mais uma vez notamos o trocadilho com o nome do presidente e do produto. Podemos ir além e acreditar que Café Filho naquele navio fazia alusão ao término do seu mandato que, inevitavelmente acabaria naquele ano.

Contudo, Café Filho conseguiu, em partes, controlar durante sua gestão a economia do grão do café. A medida tomada foi um corte de 30% das importações relativa ao ano de 1954. Se no ano do suicídio de Vargas, devido as dificuldades do mercado do café, o Brasil terminou com um déficit de US\$230 milhões, no ano seguinte conseguiu um equilíbrio na sua conta “liquidando mais de US\$2 200 milhões em dívidas em curto prazo. Isto foi conseguido a despeito da queda dos preços do café e do algodão”(IDEM, p. 202). Nesse sentido, podemos atribuir que o seu governo transitório assegurou alguma melhora em meio às crises políticas-econômicas.

### **Café Filho em meio à transição**



Figura 7: CAIXA DE SURPRESA  
REI

(CARETA, 9 abril/1955, p.1)

Café – Agora a gente já sabe quem vai entrar na urna!  
pior.

Jeca – Mas o “difici” é “sabê” que vai “sai” dela!



Figura 8: AS RÃS QUEREM UM REI

(CARETA, 29 jan/1955, p. 1)

- O outro metia-se em tudo. Este, porém é

-Pior?! Sim. Não quer influir na escolha de seu  
sucessor.

Concomitante à sua gestão, um das suas preocupações era a transição de seu governo. O Brasil acabará de perder um presidente de uma forma traumática, o suicídio. A crise econômica assolava os cofres e o bolso do brasileiro. Em paralelo a este quadro, conspirações políticas, partidos e personagens eleitorais buscavam a todo custo entrar no cenário presidencial. Café Filho não foi avesso à sua conduta desde o início de estabelecer o seu governo como um preparativo para o próximo. Na crença da urna como condutora da sua sucessão presidencial, decretava: “O governo exorta o eleitorado a que se reúna em seus comícios e marche para as urnas, em 3 de outubro, na certeza de que se respeitará o veredicto desse julgamento nacional em que o único juiz será o povo”(SKIDMORE, 1982, p. 187).

As caricaturas 7 e 8 nos ajudam a investigar esta dinâmica que se inseria entre Café Filho e transição presidencial. Primeiramente, a figura 6 estabelece a ligação entre povo, presidente e possíveis candidatos ou interessados políticos na questão. Podemos notar Café Filho esperançoso com a legalidade do processo democrático ao

referenciar “Agora a gente já sabe quem vai entrar na urna!”. Por sua vez, o povo, representado pelo mítico Jeca Tatu de Monteiro Lobato<sup>8</sup> – que acompanhou a *Careta* e outros periódicos por muito tempo -, não mostrava o mesmo otimismo com o processo eleitoral. Ao fundo, encontram-se personagens políticos importantes da época como Ademar de Barros, Jânio Quadros, Gaspar Dutra e Osvaldo Aranha. As incertezas e as “opções” de nomes que poderiam administrar o Brasil deixavam clara a preocupação do “Jeca”.

A caricatura 8 é mais pontual na questão política. Entre seus elementos, além do presidente Café Filho encontra-se políticos com Etelvino Lins, Marcondes Filho, Gustavo Capanema, Ademar de Barros, Gaspar Dutra, Nereu Ramos, Osvaldo Aranha. Ainda incertos de quem viria a comandar o país no final do ano de 1955, a incógnita maior parecia em descobrir quem Café Filho apoiaria. No diálogo entre os políticos referem-se ao “outro” - provavelmente Getúlio Vargas - do qual se “metia em tudo” no jogo político. Enquanto isso, para eles, Café Filho se mantinha em posição mais defensiva, parecendo não se preocupar com os futuros nomes que o sucederiam. A fala de Café, explica a posição:

Mais de uma vez manifestei o propósito de manter, no curso da presente campanha eleitoral, uma posição de imparcialidade. No funcionamento normal do regime democrático, há um momento por excelência que a função presidencial de adquirir um alto sentido de magistratura: é o período em que se decide da eleição de um novo chefe de Estado. (SILVA, 1983-1984, p. 82)

Independente de possuir suas convicções quanto ao seu sucessor, o presidente transparecia o que a caricatura 8 induz, o silêncio quanto a campanha eleitoral – o que não significa que ficou apenas de expectador ou desatento ao desenrolar dela<sup>9</sup>. Café não queria que seu governo passasse por turbulências piores das que já advinham ou muito menos que os acirramentos políticos do novo pleito assolassem de vez uma crise incontornável no país.

---

<sup>8</sup> Não somente para entender a importância da construção do Jeca Tatu ou de Monteiro Lobato, a obra *A Revista do Brasil: Um diagnóstico para a (N)ação*, da historiadora Tania Regina de Luca, fundamenta-se na tentativa de compreender a importância dos periódicos nas análises contextuais e a construção da nacionalidade na Primeira República. Sobre o Jeca Tatu, a autora lembra que “o enorme poder evocativo do Jeca permitiu que ele fosse mobilizado com propósitos muitas vezes contrastantes. Assim, para alguns ele era o retrato fiel do homem sertanejo do norte e do sul do país, estagnado na escala evolutiva, uma quantidade negativa, nas palavras do seu criador, inapto para enfrentar os desafios da modernização”. DE LUCA, 1999, p.203. Destarte, o Jeca acabou sendo uma figura apropriada para representar na *Careta*, povo brasileiro.

<sup>9</sup> Basta por hora, perceber os diálogos entre Juscelino Kubitschek e Café Filho sobre a candidatura de Kubitschek. SILVA, 1983-1984, p.89-95.

Nesse ínterim, vale destacar que Kubitschek desde fevereiro já havia sido indicado pelo PSD como candidato as eleições porvindouras. O clima de eleições se projetou durante praticamente todo o governo de Café Filho e, por isso, vemos nas páginas da *Careta*, semana após semana, com algumas exceções, a problemática questão eleitoreira em vista do próximo presidente.

Não à toa, quando Kubitschek fora eleito com minoria de 36% dos votos, logo se instalou um clima de protesto por parte dos derrotados – principalmente militares - e, por conseguinte, brotavam-se as tentativas de golpe ou anulação da eleição. Um exemplo clássico foi a tentativa de Carlos Lacerda que tentou publicar um documento tentando provar a participação de Goulart na compra de armas de Perón em 1953. A chamada carta “Brandi” logo foi provada como falsa por uma sindicância do exército. Outra tentativa frustrada de desconsiderar as eleições foi a da UDN em levar o pedido de anulação das eleições para a Justiça Eleitoral sob o argumento de que o Kubitschek não conseguiu a maioria absoluta dos votos.(SKIDMORE, 1982, p. 182)

Porém as incertezas quanto às eleições que culminaram com a vitória de Kubitschek sob Juarez Távora, Ademar de Barros e Plínio Salgado, são reflexos das caricaturas seis e sete que apontam as incógnitas desse pleito eleitoral.

O sábio “Jeca Tatu”, ao dizer, “Mas o “difíci” é “sabê” que vai “saí” dela!” não imaginaria naquele momento que o nome que poderia sair dela não assumira com facilidade a presidência. Além da doença cardíaca<sup>10</sup> que assolou Café no início de novembro, a faixa presidencial ainda passaria pelos interinos Carlos Luz e Nereu Ramos, antes de se efetivar na “caixa de surpresa”. Nesse meio tempo, “Jeca Tatu” assistiria aos episódios que envolveram o Ministro da Guerra Lott com o Coronel Mamede e as conseqüências que culminariam em um fatídico conflito político-militar em novembro de 1955.

### **Considerações finais**

Além de nossa pesquisa se focar nas caricaturas do período e a relação com Café Filho, tivemos a intenção de instigar pesquisadores a se debruçarem sobre esses momentos “transitórios” da política brasileira. Café Filho, Nereu Ramos, Carlos Luz são alguns exemplos de presidente ou interinos, respectivamente, que merecem uma

---

<sup>10</sup> Café filho já sofria de problemas cardíacos antes desse episódio, inclusive teve seguro de vida negado em 1932. Não foi considerado apto. Em 1952 teve o primeiro infarto. SILVA, 1983-1984, p.134.



atenção maior da historiografia. Não apenas pelo que circundou seus governos, mas as possibilidades metodológicas que surgiram aos historiadores nas últimas décadas permitindo que possam estudar estes períodos com novas possibilidades de análises e dando origem a trabalhos inéditos.

Nós, ao percebermos as aparições caricaturais de Café Filho em um periódico de circulação nacional, somado a crise econômica política após o suicídio de um dos presidentes mais estudados do Brasil, como Getúlio Vargas, procuramos entender a dimensão por meio das ilustrações do seu governo durante esses quinze meses que gerenciou a nação. Talvez, Café Filho não tenha almejado os holofotes para si, buscou conduzir o país que vinha de um trauma para um momento eleitoral justo que consagrasse o novo presidente do Brasil sem mais conturbações.

Nossas caricaturas puderam mostrar desde o “abacaxi” - ou a bomba - até sua devolução para a Justiça eleitoral efetivando assim, sua passagem e objetivo de transição presidencial no momento em que foi incumbido de administrar a nação. Posteriormente, as caricaturas mostraram o esforço de Café Filho de tentar resolver ou amenizar uma crise econômica que assolava com a inflação. Não menos importante, foram suas aparições no jogo eleitoral que se estabeleceu no período. Mesmo não sendo o personagem central das próximas eleições, sua visão como esperança de um processo justo nas urnas contrastados com os diversos nomes e atores políticos faz a medida daquilo que se projetava nas eleições que se delimitariam.

A imagem pública construída sobre um presidente nem sempre forma um painel coeso. Caricaturas contrárias ou favoráveis aos acontecimentos e decisões governamentais demonstram a complexidade enfrentada por Café Filho. Um governo com poucos meses de duração, em um momento transitório da política brasileira pode servir como uma rica fonte para a reflexão sobre aspectos que ficaram cristalizados nas abordagens sobre os presidentes que tiveram maior destaque, como Getúlio Vargas e Juscelino Kubitschek. Assim, períodos transitórios nos possibilitam observar as disputas políticas que cercam os processos eleitorais e os aspectos conjunturais que cercaram a vida política brasileira.

**Referências:**

ABREU, Alzira Alves; LATTMAN-WELTMAN, Fernando. Fechando o cerco: a imprensa e a crise de agosto de 1954. In: GOMES, Ângela de Castro (Org.). **Vargas e a crise dos anos 50**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994.

ARQUIVO Nacional (Brasil). **Os presidentes e a República**: Deodoro da Fonseca a Dilma Rousseff. 5ª Ed. Rio de Janeiro: O Arquivo, 2012.

CUNHA, Fabiana Lopes da. **Caricaturas carnavalescas**: carnaval e humor no Rio de Janeiro através da ótica das Revistas Ilustradas Fon-Fon! E Careta (1908-1921). Tese de Doutorado. São Paulo: USP, 2008.

ELEUTERIO, Maria de Lourdes. Imprensa a serviço do progresso. In: Martins, Ana Luiza; DE LUCA, Tania Regina (Orgs). **História da imprensa no Brasil**. 2ª Ed. São Paulo: Contexto, p. 83-102, 2013.

DE LUCA, Tania Regina. **A Revista do Brasil**: um diagnóstico para a (N)ação. São Paulo, Fundação Editora da UNESP, 1999.

GARCIA, Sheila do Nascimento. **Revista Careta**: um estudo sobre humor visual no Estado Novo (1937-1945). Dissertação de Mestrado. Assis: UNESP, 2005.

LIMA, Herman. **História da caricatura no Brasil**. 4 vols. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1963.

MARTINS, Ana Luiza. **História do café**. São Paulo: Contexto, 2008.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *Jango e o golpe militar de 1964 na caricatura*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

PROST, Antoine. **Doze lições sobre a história**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.

SALIBA, Elias Thomé. **Raízes do riso**: a representação humorística na história brasileira: da Belle époque aos primeiros tempos do rádio. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

SKIDMORE, Thomas. **De Getúlio Vargas a Castelo Branco, 1930-1964**. 7ª. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

SILVA, Hélio. Café Filho, **A Crise Institucional 1954-1955**. São Paulo: Grupo Comunicação três, 1983-1984.

\_\_\_\_\_; CARNEIRO, Maria Cecília Ribas. **A Novembrada**: O Governo Café Filho, 1955. São Paulo: Editora Três Ltda, 2004.

**Fontes documentais:**

*Careta*, 2 de outubro de 1954, ano XLVII, nº 2.414.

*Careta*, 16 de outubro de 1954, ano XLVII, nº 2.416.

*Careta*, 25 de dezembro de 1954, ano XLVII, nº 2.426.

*Careta*, 29 de janeiro de 1955, XLVII, nº 2431.

*Careta*, 9 de abril de 1955, ano XLVII, nº 2441.

*Careta*, 7 de maio de 1955, XLVII, numero 2.445.

*Careta*, 23 de julho de 1955, ano XLVII, nº 2.456.

*Careta*, 22 de outubro de 1955, ano XLVIII, nº 2.469.

Discurso de Café Filho dois meses após assumir a presidência sobre a sucessão presidencial. S.l. 27/10/1954, p. 1-10. Disponível em: [http://docvirt.com/docreaderFGV/docreader.aspx?bib=ARQ\\_CF\\_PI&pasta=CF%20pi%20Cafe%20Filho,%20J.%201954.10.27](http://docvirt.com/docreaderFGV/docreader.aspx?bib=ARQ_CF_PI&pasta=CF%20pi%20Cafe%20Filho,%20J.%201954.10.27). Acessado em: 01/06/2014.

***Recebido em Janeiro de 2015***  
***Aprovado em Junho de 2015***